

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 1

Título: "VINGANÇA DO MORTO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): QUEIROZ, TEIXEIRA DE

Adaptador: PINHÃO, LUÍS

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO

Locutor: ?

Data de produção: 15/1/1975

Data de Emissão: 20/1/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
MARIA ALBERGARIA	VIUVA
JORGE VALE	CEGO
JOYÁS DE MAREDO	BOZO
BAPTISTA FERNANDES	HOMEM
BRANCO ALVES	PRIOR
MANUEL GAVAO	GHUMBA
JOSÉ GOMES	MANETA
RUI DE CARVALHO	GORUJA

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Epis

(V.S.F.F.)

⇨

Notas:

-DIR. ARTÍSTICA - FERNANDO GUSMÃO

Indexação: -TEATRO RADIOFÔNICO

PE... A CRAY R. 101 1170- HER: 10-00h.	201 1170- 15-32 HORAS VISTO E. J.
NU 10 DE JAY L O	

MINI-TEATRO

VENGANÇA DO MORTO

Um conto de
TEIXEIRA DE QUEIROZ

Numa adaptação de
LUIS PINHÃO

//

MINI-TEATRO

VINGANÇA DO MORTO

Um conto de
TEIXEIRA DE QUEIROZ

Numa adaptação de
LUIS PINHÃO

PERSONAGENS

VIUVA
CEGO
COXO
HOMEM
PRIOR
CHUMBA
MANETA
CORUJA

(A MÚSICA INICIAL - UM SOLO DE OBOÃO - FUNDE-SE COM O REPICAR DOS
SINOS DOBRANDO A FINADOS - UM TEMPO - OS SINOS PASSAM A 2º PLANO -
AMBIENTE EXTERIOR - RUÍDO DE MULTIDÃO)

VIUVA - Ó pais e mães da caridade! Olhai esta desgraça!

O CEGO - Dai uma esmolinha ao pobre cego!

COXO - Pelas Santas Alminhas, tende piedade!

(OS SINOS VEM A 1º PLANO E VOLTAM, NOVAMENTE, A 2º PLANO - PASSOS
NO SAIBRO)

HOMEM - O que quer dizer todo este movimento, sr. Prior?

PRIOR - Homem vossemecê nem parece que é cá da terra! Então não
sabe?

HOMEM - Não, sr. Prior! Tenho estado ausente. Acabo de chegar.

PRIOR - Pois, morreu o senhor fidalgo!

HOMEM - Homessa! Morreu o senhor fidalgo?!

PRIOR - É verdade! A morte do senhor fidalgo, o velho general, que
se tinha reformado com a sua gota, depois de terminada a
carreira militar, que principiara contra os franceses, é
que assim põe em desusado movimento o sossego cá da terra.
Aliás, a chegada de toda essa gente vestida de preto e con-

versando com sisudez; o semblante ocupado e choroso dos criados; o crepe encobrendo a pedra de armas; o marulhar das vozes dos pobres que esperam a distribuição da esmola... definem bem o momentoso acontecimento,

HOMEM - Grande perda, sr. Prior!

PRIOR - Será!

HOMEM - Embora não estivesse em boas relações com o senhor fidalgo, não deixo de sentir o infausto acontecimento. E quando é o enterro?

PRIOR- Só amanhã, por causa de umas missas de corpo presente que ainda têm de se celebrar e que rendem um pinto. Um pinto, imagine! Que sovínice!

HOMEM - Não me admira! E deixou muitas missas por sua alma?

PRIOR - Vinte! Sim, somente vinte missas.

HOMEM - Parece impossível não ter considerado em mais a pátria celestial. Isto da gente se desprezar na morte é sinal de irreligiosidade.

PRIOR- Em contrapartida, não pode fazer ideia do luxo que o cerca. No templo o cenário é pomposo! Vieram armadores de fora. Está tudo de preto, guarnecido a galões brancos e amarelos. O cadáver, porém, estende-se no comprimento de um simples esquife; porque assim o testara o fidalgo. No entanto, a sua figura é imponente. Salientes rugas servem para definir a coragem indomável e a energia que em vida o caracterizavam. Os braços perfilam-se a par do tronco, e a mão esquerda cai sobre os copos da espada. Logo se vê que estes copos são de verdadeiro oiro e cravejados de pedrarias...

HOMEM - Sim, representam uma grande riqueza e uma grande glória, pois que o fidalgo recebeu a espada, no próprio campo da batalha, como prêmio de um valoroso feito de armas, eu sei!

PRIOR - Na mão direita, têm o emplamado chapéu de dois bicos. Os bordados que lhe agaloam a rica farda de pano azul são todos de oiro. Tudo muito rico, pode crer! E para quê? Para em breve saciar a gulodice dos vermes!

HOMEM - Sim, os bichos da terra, esses bichos cinzentos, frenéticos, raivosos, que aparecem quando se revolvem as sepulturas...

PRIOR - Eles comerão o corpo do fidalgo, roerão a farda, talvez estraguem o oiro dos bordados e hão-de emporcalhar a espada, que debaixo da terra não servirá para ninguém. É insensato que isto assim aconteça...

HOMEM - Também é insensato a existência dessa chusma de maltrapilhos e, no entanto, continuam a existir, sr. Prior!

PRIOR - E ninguém tenta pôr cobro a semelhante situação.

HOMEM - Para quê? Se os ricos gostam de ver este espectáculo: o dos pobres esperando no portão a hora da distribuição do bode. Repare, sr. Prior. Diversos nos trajes, nas conversas, nas vozes, nas aspirações, nos apetites. Conservam a feição conhecida, a linha tradicional do pedinte, que se usa no teatro, para se disfarçar de gentil namorado; no entrudo para libertar o gracejo incaracterístico; nos painéis das igrejas, quando se figura Nossa Senhora Aparecida: os traços do pedinte adorado pela arte desde Calloot a Raffet. Expõem com petulância, os seus vestuários andrajosos e nas perguntas e respostas frívolas mostram descaro, inveja e manha...

(OS SINOS VEM A 1º PLANO E VOLTAM.NOVAMENTE , a 2º PLANO)

VIUVA - Já está tudo lá dentro.

CEGO - Agora, só há que esperar pela distribuição da esmola por alma do defunto.

COXO - Olha, quem vem lá! O Chumba e o Maneta. Cheirou-lhes...

VIUVA - Deixa lá, homem! Também têm direito...

CEGO - O Chumba, vá que não vá, é cá da freguesia. Agora o Maneta...

VIUVA - A verdade é que são tão pobre como nós.

CHUMBA -(APROXIMANDO-SE) Com mil raios! Que rico jumento armaste! Quanto custou?

COXO - Anda caro... por moeda e meia.

CHUMBA- Isso é que é riqueza! E vens tirar a esmola à gente que precisa!

COXO - Eu sou aleijadinho, que não tenho pernas. Tu é que podias puxar por esses braços.

CEGO - Há coisa pior que a cegueira? A vista dos olhos é a maior riqueza deste mundo. Um homem sem olhos não é nada.

VIUVA - Aquela a quem morreu o homem deixando-lhe três criancinhas não merecerá dó e compaixão de todo o mundo?

MANETA- Se não fosse a caridade, não sei o que havia de ser da gente. Morria-se para aí de fome.

COXO - Agora, o que dá mais algum vintém são as feiras. Na última ainda arrei uas doze malucos.

CHUMBA- Arre... burro que é felicidade! Doze malucos é um pinto.

CEGO - Eu por mais que berreguei não colhi mais de nove vinténs e meio, e uma sacola de pão, que vendi por dez réis para os porcos.

COXO - Também tu não tens a desgraça à vista como eu. Cego não tem comparação com andar de rastos. Isto sempre mete mais

pena!

MANETA - A mim o que me tem Valido, é estarem na freguesia os missionários..Rapo às vezes cada frio de manhã à porta da igreja!... Mas, cantando-se bem, rezando a gente uma boa ladainha, os que vêm de ouvir aqueles santos, sempre deixam.

VIUVA - Isso! À porta de uma igreja é muito bom! Também se a caridade se não encontrasse nesses lugares!...

CEGO - Gosto mais de romarias. Quem vai à festa sempre leva que dar. Ainda na do Socorro, eu comê cabrito e bebi vinho até lhe chegar com o dedo. Aquilo é que foi! Dei lá com uns amigalhões tocados, e para se ter bom coração, não há como uma pinga de mais. Um greiro na asa sempre é melhor que quantas missões há, fica certos disso.

VIUVA - Pudera! É grande pecado deixar ir um pobre sem esmola, quando se está a comer!

CEGO - Isso sei eu! (GALHOFEIRO) Por isso eu peço sempre à hora do jantar.

CHUMBA - Não vou para aí. O mais que se arranja, nessas ocasiões, é algum pedaço de pão. Dinheiro, nem um chavo.

MANETA - Eu, tendo pão, e um rabo de sardinha ou racha de bacalhau não preciso mais.

CHUMBA - C é eu não! A gente sempre tem suas aquelas para gastar dinheiro.

VIUVA - Caia-te homem! Podem-te ouvir os criados e é mau para ti e para os outros.

CHUMBA- Não tenho medo. Aquele é o Zé, que já andou nesta vida. Ainda há pouco me disse que não está contente com servir. Há muita prisão. Eu bem o sei, que fui disto.

CEGO - E quanto será hoje a esmola?

CHUMBA- Menos de um pão branco e um pataco, não pode ser.

MANETA- Só por isso, não vinha perder um dia e andar uma légua. Arranjava mais pelas portas.

VIUVA - Diz que também dão castanhas.

MANETA- Se não me drem o tostão, não rezo nem um Padre-Nosso.

COXO - Mas o fidalgo deixou dinheiro para os pobres!

CHUMBA- Isso é cá para a freguesia. Eu sou um dos contemplados. É uma camisa de estopa, umas calças e um pinto para os homens. Para as mulheres, uma saia em lugar de calças. Mas é só para nós, diz o senhor cura.

CEGO - Olhem os diabos dos lambões, como eles abicham!

VIUVA- Atenção! Vem aí gente!

CHUMBA- São os criados do defunto que vêm distribuir a esmola.

(PASSOS QUE SE APROXIMAM)

VIUVA - Ó pais e mães da caridade! olhai esta desgraça!

CEGO - Dai uma osmolinha ao pobre cego!

COXO - Pelas santas Alminhas, tende piedade!

(SEPARADOR)

MANETA - E perdi eu um dia para isto: um pataco!

CEGO - Eu vou mas é encomendar o morto ao diabo!

VIUVA - Assim como assim, vou borrifar de água-benta o defunto.

MANETA - Aonde vais, ó Chumba?

CHUMBA - Vou até lá dentro.

MANETA - Apesar de a esmola ter sido tão miserável, que nem merece um Padre-Nosso, estava capaz de ir contigo.

CHUMBA- Anda daí, homem!

(PASSOS)

(INTERIOR DE IGREJA COM AS RESSONÂNCIAS QUE LHE SÃO CARACTERÍSTICAS)

CHUMBA- O que tens, homem? Ficaste pasmado?

MANETA- Nunca tinha visto coisa assim!

VIUVA - Eh! Já viram como ele está vestido?

MANETA- Olha que deve ter custado um bom par de moedas!

CHUMBA- Só a gola tem mais riqueza que toda esta igreja.

MANETA- Porque será que os santos não andam vestidos desta moda?

VIUVA- É verdade! Ao menos o senhor S. Sebastião podia ter farda; porque o prégador disse que ele andou na guerra.

MANETA- Olha. Aquelles galões serviam, mas era para bordar um manto a Nossa Senhora.

CHUMBA- Quem me dera aquela espada! Deve valer uma continha.

MANETA- Se eu a tivesse, nunca mais andava a pedir.

VIUVA - Ih! Tinhas para te vestir toda a vida do melhor, dos pés à cabeça. Podias até comprar bons campos.

MANETA- E aquilo irá para baixo da terra, para ser estragado pelos bichos?

CHUMBA -Eu não sei...

MANETA- Para que há-de ir tanta riqueza para a cova?

A cinta do morto está presa, por uma correia de verniz; uma espada, cujos copos de ouro maciço significam um bem-estar abundante. Aquela riqueza vai para baixo da terra não servindo a ninguém. Não está certo que isto aconteça, quando nós somos pobres, e aquilo nos pode garantir a independência.

MANETA - Está certo! Mas como?

CHUMBA - É fácil! A igreja, arruinada em parte, está em obras. Não encontraremos obstáculos se entrarmos pelo lado das obras, onde há passagem para mais de um homem.

MANETA - Sim, para que há-de ir tanta riqueza para a cova!

CHUMBA - Não encontraremos resistência, pois que ninguém suspeita desta resolução. Além de que, podemos vir à meia-noite: a escuridão é a protectora dos crimes e dos amores.

MANETA - E se encontramos alguém a guardar o corpo?

CHUMBA - Somos dois homens vigorosos, temos precisão e não nos falta coragem para nos medirmos com outros valentes.

MANETA - Armar-nos-emos de roçadeiras, não seremos subjugados com facilidade.

CHUMBA - Aí está! O morto certamente que não se moverá, nem para nos resistir, nem para nos denunciar. É certo o bom êxito deste empreendimento.

(INTERIOR DE IGREJA - RUÍDO DE FECHAR E TRANCAR A PORTA - PASSOS NO LAJEDO)

CORUJA - Caspité, meu fidalgo! Um rico fardamento! Sim, senhor, vossa soria está bem agasalhado! Só o Coruja anda com frio. O Coruja, está bem de ver, sou eu! Sim, meu fidalgo, o coveiro sou eu, o Coruja! E não sou só coveiro, pode-se dizer também que sou o bom amigo dos mortos. Desde que um indivíduo se torna cadáver, cá o Coruja predomina no seu destino, no seu bem-estar, na sua decência. A minha importância sobre os restos mortais, é... é decisiva. Depois da vida, sou eu a maior, a mais dedicada das simpatias que se pode desejar. Não acredita, meu fidalgo? Pois, pode crer! Ausenta-se alguém para a eternidade: é logo chamado a familiarizar-se com a carne fria, quem? O Coruja! O Coruja despe-lhe a roupa; e naquela nudez insensível e sem movimento, o Coruja reconhece a igualdade perante a natureza. Sim, meu fidalgo, sou eu quem lava, barbeia, veste, compõe, prepara com esmero e cuidado o último asseio. Depois, abro a sepultura, onde o morto vai jazer até ouvir as trombetas finais. E sabes qual é a paga, meu fidalgo? Por tudo isto recebo

alguma roupa do falecido, se ele a deixou, no teu caso espero bem que sim; uma infusa de vinho durante o trabalho, e, se o morto é rico, um pinto. Sempre quero ver como se portam os teus. Ainda não fui receber a soldada. Pois cá o Coruja é um objecto raro! Sim, meu fidalgo, tenho imperfeições para enriquecer dois palhaços dos melhores. Sou vesgo,, sou cambado, nunca sigo uma recta. Caminho sem harmonia de movimentos; braços e pernas movem-se em tempos diversos, o que me dá grande parecença com uma aranha.

(RI)

Ah, é verdade! Como família tenho apenas um cão. É este. Vá, Farrusco, cumprimento o senhor fidalgo!

(PRESENÇA DO CÃO)

Eh! Eh! Agora, quieto! Nas calmosas noites de Agosto dormimos juntos no adrc; no inverno somos recebidos por caridade nos palheiros. Aqui para nós, meu fidalgo, dizem que sou inofensivo, como os velhos dementes. Calúnias! E daí... É certo que uso de certa familiaridade para com os mortos. Já o deves ter notado! Por isso fui escolhido, como tua sentinela, durante a noite em que o teu cadáver ficasse depositado na igreja. Lembraram-se, e bem, que podia qualquer desconsciencioso ter cobiças repelentes... Cá o Coruja aceitou logo, sob condição de duas canecas de vinho, durante o serviço. Já cá canta uma! Por isso estou um pouco entredote. Desculpa! Mas a noite, dentro de uma igreja, é diferente da noite ao ar livre. Os ruídos que passam desapercibidos lá fora, cá dentro ressoam com timbres alarmantes; é o que te digo! É natural! A altura do templo é maior que a das casas, e como o ambiente é lúgubre o barulho ouve-se sem que exista. Depois, o cheiro aqui é singular, mas característico. É ao mesmo tempo o cheiro do incenso, da cera, do fumo do azeite, das exalações podres das campas, dos ninhos dos ratos e dos depósitos excrementícios das aves noctívagas. A frialdade característica da igreja não é a das enxovias, que é húmida; nem a das noites nevadas, que é seca; nem a da água do mar, que dá a reacção. É um frio que vem do interior, quando a pele está quente e o pulsar febril; é um frio que se sente no ventre e que produz espasmos viscerais e a cólica. Sim, meu fidalgo, é que um homem, só com o seu espírito, no meio da igreja, recorda a fileira de lendas da sua infância. Além disto pode ouvir os longos pios do mocho e de todas as aves agoirentas, que habitam os forros

das igrejas. As leves sombras, projectadas, parecem homens que se movem, ora rápidos, ora lentos, conforme as agitações da luz. Tudo isto, porém, não chega para infundir terror cá ao Coruja. Enfim, a verdade... Sim, a verdade é que o meu fidalgo tem um rico fardamento! E esta catana! É coisa asseada. Bem fizeram em a mandar guardar. Anda por aí muito ladrão que deseja viver sem trabalho. Mas deixa que hoje não te roubam, meu fidalgo. O que eu te invejo é este chapéu! Dás licença! O Coruja com ele fazia um figurão. Não sei porquê, mas assim de noite fazes mais vista, meu general! Quando te vesti o fardamento, não me pareceu coisa tão rica. Bem fizeram em te mandar guardar. Bom, vou tomar as minhas precauções. Vou amarrar esta corda à tua mão esquerda, a que está a agarrar a espada. A outra ponta amarro-a a mim. Isto é para não engaraparem o Coruja. Se te bulirem na catana, o Coruja acorda num pronto. Já tranquei a porta da igreja, por dentro; e preparei, com duas mantas, a cama no confessional. Escolhi o confessional por ser mais abrigado, e como é a dois passos daqui, não há novidade. Adeus, meu fidalgo! Anda, Farrusco!

(PRESENÇA DO CÃO)

Não somos nada nesta vida, meu fidalgo. Hoje por vós, amanhã por nós. É a ordem. O que levas para a cova é um rico fardamento e o Coruja com tanto frio!... Mas isso pertence aos bichos.

(PASSOS NO LAGEDO QUE SE AFASTAM)

(SEPARADOR)

(AS ÚLTIMAS BADALADAS DA MEIA NOITE. SILENCIO. UM TEMPO. PASSOS NO SAIBRO)

CHUMBA - (BAIXO) Maneta?

MANETA - (BAIXO) És tu, Chumba?

CHUMBA - (BAIXO) Sou eu, homem! Chegou o momento!

MANETA - (BAIXO) O que é preciso fazer?

CHUMBA - (BAIXO) Tu ficas aqui de vigia no adro, para não sermos surpeendidos.

MANETA - (BAIXO) E tu?

CHUMBA - (BAIXO) Eu vou de volta e entro na igreja. É fácil.

MANETA - (BAIXO) Achas que demora muito?

CHUMBA - (BAIXO) Homem, parece que estás com medo!

MANETA - (BAIXO) A falar verdade...

CHUMBA - (BAIXO) É só o tempo de chegar junto do esquite.

MANETA (BAIXO) E não tens medo de mexer no cadáver?

CHUMBA -(BAIXO) A falar verdade, não me agrada muito. Mas é só arrancar-lhe a espada.

(SEPARADOR)

(INTERIOR DA IGREJA - RESPIRAÇÃO FORTE E CADENCIADA DUM ^{BEBIDO} ~~BIBDO~~-UM TEMPO-UM ESTRONDO QUE SE PRODUZ A DISTÂNCIA - PARA A RESPIRAÇÃO UM SILÊNCIO)

CORUJA- (BAIXO) Olá!... Temos moiro na costa...

(PAUSA)

MANETA - (CICIANDO EM 2º PLANO) O que foi, Chumba?

CHUMBA - (CICIANDO EM 2º PLANO) Não foi nada, homem; trepecei. Vai para o teu posto!

(CADÊNCIA IRREGULAR DE PASSOS NO LAJEDO)

CORUJA -(BAIXO) Parece que vejo um vulto a aproximar-se... Quem quer que seja avança a medo... Que diabo! Quem será?!... Será algum morto?!... Ná! se fosse morto, eu conhecia-o... Esta agora!... Espera!...

(RI BAIXINHO)

Olhem, quem ele é!... O Chumba, o pobre que padece do fígado... Deixa estar, meu Chumba, que eu te falo!...

(UM RUÍDO-UM GRITO LANCINANTE DE CHUMBA - CORUJA ENGROSSANDO A VOZ)

CORUJA- Ah! ladrão que te agarro!

(GRANDE CORRERIA NO LAJEDO - RESPIRAÇÃO OFEGANTE DE CHUMBA - PANCADAS NA PORTA - SILÊNCIO - PASSOS NO LAJEDO)

CORUJA - Não somos nada nesta vida, meu fidalgo. Era o Chumba que te queria roubar... Mas cá o Coruja estava a pau!... No momento preciso retesei a corda e a tua mão gelada tocou na pele ardente da cara do Chumba. O infeliz julgou-se preso entre os teus braços. Quis fugir pela porta da igreja, que estava fechada. Agarrou-se à tranca de ferro como um desesperado. E ali ficou um cadáver numa posição grotesca.

(TODO O AMBIENTE DE IGREJA COM OS SINOS DOBRANDO A FINADOS VEM A 1º PLANO)

